

oceânia

série oceânia | livro 1

lucy angel



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

PLAYLIST

Villain — ARCANA, Zack Merci

Por Mim — Rita Guerra, João Paulo Rodrigues

Anjos — Diogo Piçarra, Carolina Deslandes

O Erro Mais Bonito — Ana Bacalhau, Diogo Piçarra

We Go Down Together — Dove Cameron, Khalid

Se ao Menos Eu Te Odiasse — Luís Sequeira

Tattoo — Loreen

Daylight — David Kushner

Perto de Mim — Syro

Arcade — Duncan Laurence, FLETCHER

Darkside — Neoni

Paz — Carolina Deslandes

*Aos que sonham acordados e vivem em mil mundos,
exceto no mundo real...*

Compreendo-vos.

Que este livro seja uma viagem e Oceânia o vosso novo mundo favorito.

PRÓLOGO



Ela trauteia uma melodia enquanto penteia os cabelos, fitando o seu reflexo no espelho. A música preenche o quarto silencioso com notas melancólicas, trazendo-lhe algum conforto. Ao longe, as ondas do mar embatem na praia com veemência, como se a acompanhassem.

A princesa desconhece a origem da melodia que a acompanha desde sempre e acalma a sua ansiedade, a mente inquieta, a ânsia por liberdade. Adormece com o seu som e acorda a cantá-la. Fá-la pensar em lendas, em magia, em viagens por fazer e lugares por descobrir. Fá-la sonhar.

Ela não sabe, mas a melodia tem palavras. Foram esquecidas pelo tempo, pela arrogância do homem, pelo medo. Porém, a Canção persiste.

Com um suspiro, a princesa caminha em direção à sua cama de dossel, pouisa a cabeça em almofadas de seda e mergulha lentamente num sono profundo. No seu peito bate um coração aprisionado entre paredes de mármore e um reino em declínio.

Todas as noites, enquanto trauteia a sua melodia, ela deseja mais para si.

E os desejos podem ser perigosos...



LUCY ANGEL

...

Tal como as ondas do Mar e a força do Oceano...

O Destino é *inevitável*.

ATO I



Raptada

CAPÍTULO 1



O Rapto

Quero apagar da memória os últimos momentos da minha vida. Perdi a noção do tempo. É o que acontece quando se é raptado.

Pestanejo, forçando-me a acordar, meio grogue. Ainda sinto o cheiro horrendo do que colocaram no meu nariz para adormecer. Praguejo, amaldiçoando o meu organismo por ter cedido com tanta facilidade, sentindo a boca seca. Os olhos tentam ajustar-se à pouca luz e reconhecer o sítio onde estou.

O porão de um navio, parece-me. Madeira velha, barris a um canto, cantis no chão a pingar um líquido que tresanda a álcool, uma lamparina aqui e ali. Olho para cima, suspirando ao perceber que tenho as mãos amarradas no topo da minha cabeça, corda grossa a manter-me suspensa numa das vigas do teto com nós intrincados e provavelmente difíceis de desfazer. Isso não me impede de tentar, debatendo-me inutilmente para me tentar soltar. Sinto-me como as princesas indefesas que leio nos livros, aquelas que fazem coisas idiotas mesmo sabendo que não vai resultar. As que esperam pelo príncipe encantado para as salvar.

Como não tenho príncipe encantado que me salve, sou mais ridícula que elas.



Estamos em alto-mar. O meu corpo baloiça ligeiramente com as ondas e movo as pernas, sentindo o sangue começar a acumular-se nos dedos dos pés. A raiva de estar numa posição tão vulnerável borbulha dentro de mim, dando-me a adrenalina que preciso para analisar as minhas opções. Tenho de procurar uma maneira de fugir, algo para me soltar, alguma solução para a situação em que me encontro. Não posso esperar que me venham salvar. Se os meus instintos não me falham, e nunca falharam antes, estou num navio pirata e em breve serei vendida nalgum reino vizinho... ou pior. Quando derem pela minha ausência, estarei longe ou morta.

Um raio de claridade atinge-me os olhos com violência quando uma porta se abre, a que dá para o convés e para o céu azul. Botas de couro grossas descem vagarosamente pelas escadas, uma figura alta tapando a luz e permitindo que os meus olhos se recuperem da agressão a que foram expostos. Entre os pontos azuis que me tapam a visão, começam a surgir contornos de uma figura masculina, vestida com um longo casaco negro, calças castanhas largas, camisa branca amachucada sobre pele bronzeada pelo sol. O homem aproxima-se mais e, por fim, sou capaz de lhe ver o rosto.

Cabelos negros, curtos e encaracolados pela humidade de estar sempre no mar, olhos castanhos como amêndoas doces, uma cicatriz pequena no canto dos lábios finos e desenhados num sorriso ladino. É belo, não há como negar. Exala charme com o seu corpo definido e alto, o olhar atento e intenso sobre mim, o ar despreocupado e rude assenta-lhe estranhamente bem. É jovem, mais do que esperei que um pirata fosse.

Assim que abre a boca, o charme desfaz-se, pois sei que é ele o responsável por estar onde e como estou.

— Bom dia, princesinha. Pronta para a viagem da sua vida?

— Aproxima-te que eu mostro a «princesinha» — retruco com acidez. — Liberta-me imediatamente!

— Temo que isso não será possível — responde, com uma educação que escarnece de mim e do meu estatuto. — O destino juntou-nos, princesinha.



— O destino ou o dinheiro? Raptou-me, deduzo que queira um resgate.

— Tem algo mais premonitório que o dinheiro? — questiona o pirata, dando um passo em frente, perto o suficiente do meu rosto para sentir o odor a álcool no seu bafo. — É a força que faz girar o mundo, princesinha.

— Lave os dentes, por favor — peço com ironia. — O piratinha tre-sanda a rum. E de má qualidade.

Ele arregala os olhos, surpreso com a minha ousadia. Depois recua, soltando uma gargalhada.

— Atrevida. Gosto disso. — Faz uma pequena vénia, os olhos brilhando de divertimento. — Princesa Catherine de Oceânia, o meu nome é Darin e serei o seu capitão nos próximos dias.

O seu nome é como um soco no estômago, deixando-me agoniada. Todos os Sete Reinos conhecem Darin, o pirata mais temido do oceano. Na minha mente, julgava-o velho e rançoso, com uma barba negra e longa, olhos cavados e assustadores, digno da sua reputação malévola e gananciosa. Os navios temem viajar entre os reinos por causa dele, pela possibilidade de serem atacados e pilhados pela sua tripulação, tão implacáveis como o seu capitão.

É pior do que imaginava.

Mantendo uma expressão neutra no rosto, retruco com desprezo:

— O famoso Darin? Que decepção, esperava muito mais... do que isto.

O pirata pestaneja, estático. Vejo os seus punhos cerrarem e um lampejo de irritação no seu olhar faz-me sorrir com malícia. Posso estar numa posição humilhante, prisioneira de piratas, raptada no meu próprio quarto, mas não cairei em desgraça sem me divertir um pouco.

Ele endireita os ombros, recompondo-se e suprimindo o ego. O sorriso ladino volta a surgir-lhe no rosto e o meu desaparece ao ouvi-lo. As palavras afundam-se na minha mente como adagas:

— Acomode-se, princesinha. A viagem não é longa, mas é sem



volta. Foi um prazer conhecê-la, é mais divertida do que esperava. O seu pai deveria ter-me informado disso quando a vendeu.

Vira as costas, subindo as escadas sem olhar para trás, ignorando os meus gritos a chamar por ele.

Sozinha, repito o que Darin me disse, uma e outra vez. Sei que pode estar a mentir. Sei que não deveria duvidar do meu pai. Mas tenho razões para isso.

Sou a filha mais velha do Rei de Oceânia, o Sétimo Reino, uma ilha outrora grandiosa e imponente, agora caída em desgraça. O comércio está fraco devido às complicações na navegação e todas as poupanças do reino foram gastas em extravagâncias pelo meu pai. Festivais, monumentos em sua honra ou tentativas vãs de mandar homens para o mar para aniquilar os monstros marinhos que impedem a navegação livre dos povos.

O oceano é dessas criaturas implacáveis, não nosso. Há soluções mais viáveis, como mapear o mar em redor do reino para determinar os pontos onde os monstros são avistados e assim evitá-los, como os outros reinos têm feito ao longo dos anos.

Infelizmente, o meu pai é cego de poder, ambição, orgulho. Recusou-se a aceitar ajuda de outros reinos, a enviar estudiosos para marcar os territórios livres e impedidos, qualquer outra coisa que não fosse a chacina... dos nossos.

O Rei acredita que o mar deve pertencer-nos; portanto, força os navios carregados de homens para os enfrentar, preparados ou não para tal. Sempre o condenei por isso e tentei impedir que afundasse Oceânia com mais e mais caprichos. Uma tentativa vã.

Agora, o povo sofre com a pouca comida disponível. A água é o único bem que possuímos que é garantido, graças ao mecanismo que nos permite utilizar a água do mar e dessalinizá-la, tornando-a bebível. Somos uma ilha e água não nos falta, tornando o oceano nosso aliado e inimigo ao mesmo tempo.



Poderá estar ele desesperado o suficiente para vender a sua filha inútil a um pirata para ganhar algum dinheiro? Que quantia seria suficiente para se livrar de uma filha?

Sei que não sou necessária no palácio. O meu irmão mais novo será o rei, como manda a tradição. Eu sou a recordação dolorosa da vida que o meu pai tinha com o amor da sua vida, a minha mãe, a qual morreu ao dar-me à luz. Outra rainha surgiu, um filho varão teve e Catherine de Oceânia tornou-se a princesa chata e mal-educada que nunca soube cumprir as regras de etiqueta, vestir-se adequadamente e ser apenas bela ao invés de inteligente e culta.

Ainda assim, sou sua filha. Princesa de Oceânia, amada e respeitada pelo povo. Posso não ser perfeita, mas será o Rei tão frio ao ponto de vender a própria filha?

Contorço-me desesperadamente, lutando com os nós com fervor. Se já precisava de sair daqui o mais depressa possível, agora é absolutamente imprescindível. Não serei salva. O meu pai não mandará ninguém para me salvar, o meu irmão fará de conta que não percebe o que se passa, a minha madrasta nem sequer pensará em mim. O povo irá exigir saber onde se encontra a sua princesa e será ameaçado para ficar calado.

As lágrimas escorrem pelas minhas bochechas sem que eu possa impedir. Nunca me senti tão sozinha. No palácio, a minha madrasta obriga-me a permanecer reclusa dentro das quatro paredes onde vivo, temendo que a envergonhe se sair. Todos os dias escapo e fujo para a cidade, levando o que posso para os seus moradores, como comida, roupa, bens essenciais...

No palácio, nada falta.

Nas ruas, falta tudo.

Nunca fiz amizades próximas. Em vinte anos de vida, pensei que haveria tempo para abrir o meu coração, permitir a entrada de alguém e envolver-me sem medo. Sou uma jovem explosiva, de língua afiada e sem filtros. No entanto, tenho bom coração. O povo adora-me, as crianças temem-me, mas são gratas, todas as gerações admiram-me... Mas não conhecem mais do que uma princesa preocupada com o seu povo.



Sou demasiado reservada para permitir que as barreiras que criei caíam por terra. Por isso, neste momento, sei que ninguém me ama o suficiente para procurar por mim e tirar-me daqui.

Estou absolutamente sozinha quando mais preciso de ajuda.

Um ruído vindo de um canto sobressalta-me. Balanço o corpo, tentando virar-me para ver o que se passa, e vislumbro uma mecha de cabelo rosa a esconder-se atrás de umas caixas. Penso se estarei a alucinar, a pouca claridade pode estar a fazer-me imaginar algo que não está ali. Estou desesperada e a mente brinca com uma pessoa com a mesma naturalidade com que um gato brinca com o seu novelo de lã.

Uma figura escanzelada ergue-se, confirmando que não estou a sonhar. É um rapaz mais novo que eu, com os seus dez ou doze anos, cabelo rosa espetado, roupas sujas de pó e grandes olhos verdes. Olha para os lados, amedrontado, como se não fosse suposto estar ali.

— Olá — cumprimento, escolhendo as palavras com cautela. — Estás aí há muito tempo?

O pequeno marujo arregala os olhos, abanando a cabeça freneticamente. Entendo o que me diz no seu silêncio. Não devia estar aqui nem falar comigo. Abro um sorriso, tentando soar confiável ao sussurrar:

— Ninguém vai saber que estiveste aqui. Prometo.

Vejo os seus ombros descaírem, aproximando-se em passos lentos, os olhos fixos em mim enquanto passa ao meu lado. Dirige-se à escadaria para regressar ao convés, onde deveria ter estado o tempo todo. Percebo o seu pesar ao ver as minhas mãos atadas, o olhar passando para os meus pés pendurados. Olho para baixo, reparando no inchaço que começa a formar-se nos meus tornozelos, onde o sangue se acumula com a gravidade. O rapaz repara no mesmo e faz um trejeito, esfregando as mãos uma na outra com nervosismo. Hesita, o rosto demorando-se nas minhas mãos e nos meus pés, lançando olhares rápidos à porta. Tomada a decisão, endireita as costas e dirige-se a um ponto atrás de mim, apressadamente, regressando com o que me parece ser um pequeno banco. Não é muito alto, mas é o suficiente para apoiar os pés e parar de estar



pendurada. Solto um suspiro de alívio, a dor nos pulsos melhorando consideravelmente, mais confortável.

— Obrigada — sussurro com lágrimas nos olhos. — Serei eternamente grata pela tua gentileza.

O rapaz nada diz. Esboça um sorriso pequeno, contente consigo mesmo. Lentamente, o pesar regressa ao seu olhar ciente de que nada mais pode fazer por mim. Sorrio de volta, agradecida, dizendo-lhe sem palavras que está tudo bem, já fez mais por mim do que esperava.

Com um aceno breve, sobe as escadas. Abre a porta, e espreita lá para fora, permitindo que um raio de sol entre no porão e o ilumine por breves instantes. Depois, esquiva-se para o convés, deixando-me sozinha e no escuro.

O que o rapaz não sabe é que a luz que deixou entrar permitiu-me ver como irei sair daqui.